

Como se chega a ser candidato a presidente

*"Este ano vou dar uma de bacana/
Vou sair de presidente/
E você de primeira dama"*

(De Sílvio Santos, na passagem do ano, no show da TVS)

Diga isso cantando e dançando e terá reproduzida a imagem inesquecível do apresentador no seu programa de Ano Novo, 1989. A candidatura dele, Sílvio Santos, a presidente da República, pode ser anunciada hoje pelo Partido Municipalista Brasileiro (PMB), uma legenda alternativa alimentada por políticos mineiros e pernambucanos, entre outros, e que conquistou o direito de ter cinco minutos no programa oficial de televisão graças ao ingresso nas suas fileiras de um senador que preferiu se marginalizar. O homem assim vai mesmo dar uma de bacana e deverá ter a ajuda, além dos milhões de ouvintes dos seus programas dominicais, dos senadores Hugo Napoleão, Marcondes Gadelha e Edison Lobão, que levaram muito longe seu rompimento com Aureliano Chaves, a ponto de se considerarem moralmente vinculados à candidatura do *showman*.



As negociações ou o negócio, como disse um dos personagens, devem ter sido concluídas ontem. Também se disse que não há dinheiro mas apenas o compromisso de apoiar o candidato o programa do PMB, cujo ponto central é uma reforma tributária imaginada ao que parece pela comunidade evangélica. Trata-se de um projeto de amadores e a Sílvio Santos não será difícil encampá-lo mesmo porque isso nada quer dizer. Quem faz ou não faz reforma tributária é o Congresso e não candidatos a presidente, nem mesmo presidentes. Para o animador de auditórios só uma coisa importa: os cinco minutos a que o PMB tem direito.

O mais agora será esperar a pequena e veloz batalha judicial, ao fim da qual, julgadas as impugnações, estará escrito mais um capítulo do que poderia ser um livro brasileiro sobre como se faz um presidente.

Os mil dólares por um visto

Do ministro Márcio de Oliveira Dias, chefe do Departamento Consular e Jurídico do Ministério das Relações Exteriores, recebi a seguinte carta:

"Apreciador diário da sua coluna do JB e da sua conversa inteligente nas freqüentes ocasiões em que tenho o prazer de encontrá-lo, tomo a liberdade de comentar o item *Mil dólares por um visto* publicado na edição de ontem, 29 de outubro. A frase que chamou-me a atenção, e que transcrevo para facilitar sua referência imediata é: *Formosa*, por exemplo, agentes de viagem cobram mil dólares por um "visto" para o Brasil, alegando que o dinheiro é para funcionários brasileiros".

Como o Brasil não reconhece o governo de Formosa, o visto para cidadãos daquela ilha obedece tramitação especial, sendo concedido em "*laissez-passer*" brasileiro, após consulta prévia ao Itamaraty. Deve ser solicitado fora de Formosa, uma vez que o Brasil lá não mantém nenhum tipo de representação. Entretanto, as despesas envolvidas, entre emolumentos consulares pelo visto e pela emissão do "*laissez-passer*", mais custos telegráficos, certamente não chegam à décima parte da quantia citada.

Jornalista competente e responsável, você, muito apropriadamente usou a palavra "alegando". Que é a chave de tudo. Com efeito, por mais de uma vez já ocorreu que maus profissionais do ramo (agentes de viagens, despachantes), gananciosos e de poucos escrúpulos, usem de tal alegação para extorquir viajantes. Nem é tal prática restrita ao exterior. Em São Paulo mesmo teriam ocorrido casos. Lamentavelmente, impossíveis de comprovar, pois as vítimas do comportamento extorsivo desses maus profissionais que chegam a dar-nos conhecimento do assunto, em geral por telefone, não se dispõem a confirmar por escrito o ocorrido.

A grande maioria dos vistos de turista concedidos pelo Brasil a cidadãos de Formosa é obtida por meio de agentes de viagem. E jamais tivemos ciência de que tivesse ocorrido fato como o mencionado. Com o progresso econômico da ilha, o cidadão de Formosa faz, de fato, muito turismo internacional. Mas não posso imaginar um turista que se disponha a pagar mil dólares apenas pelo direito de ingressar como tal num país, por mais atrativo que possa parecer.

Aproveito a oportunidade de usar a sua muito lida e respeitada coluna para reiterar aos usuários de qualquer consulado brasileiro que seus serviços são cobrados, ato por ato, de acordo com tabela oficial, sempre afixada em local visível para o público. Não há "taxas de urgência" nem nada que o valha. E, em caso de qualquer dúvida, estarei às ordens de quem a queira levantar".

Portugal e a reunião de São Luís

A partir da noite de hoje, Sarney reúne-se em São Luís do Maranhão com os presidentes de Portugal, Angola, Moçambique, Guiné e São Thomé e Príncipe para firmar convênio do qual surgirá o Instituto Internacional da Língua Portuguesa. O presidente Mário Soares representa Portugal mas, tecnicamente, quem deveria fazê-lo seria Cavaco da Silva, o chefe do governo português, o qual, aliás, marcou sua presença enviando por intermédio do embaixador Mathias um substitutivo ao projeto brasileiro de convênio.

Carlos Castello Branco